

### IMPLICAÇÕES SOBRE A NORMA CULTA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

**Cícero Kleandro Bezerra da Silva<sup>1</sup>**;

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Serra Talhada, PE.

<https://lattes.cnpq.br/4704043892385371>

**Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães<sup>2</sup>**.

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Serra Talhada, PE.

<https://lattes.cnpq.br/7778975209654541>

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Gramática Normativa. Variação linguística.

#### INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o tratamento que é dado à norma culta no ensino da língua portuguesa no contexto brasileiro, realizando uma discussão pelo viés variacionista, considera a heterogeneidade da língua. Dessa forma, refletir sobre a metodologia de ensino utilizada na educação básica é crucial para um ensino mais eficaz e uma aprendizagem mais consciente.

Atualmente, alguns dos nomes mais conhecidos que abordam questões relacionadas à norma culta direcionada para o ensino do português brasileiro têm sido o de Faraco (2015) e Bortoni-Ricardo (2004, 2011). Dessa forma, o presente trabalho, constitui-se em uma reflexão a respeito do que tem sido escrito para a temática supramencionada, dando uma maior ênfase aos referidos autores, sem deixar de mencionar outros.

A respeito da temática a ser tratada no presente contexto, utiliza-se a concepção de norma através de um dos principais estudiosos supramencionados para assim, definir o que seria, conforme seguem as palavras a seguir:

É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala. (Faraco, 2008, p. 35).

A norma está presente em todos os lugares onde existam sociedades nos mais diversos contextos, sendo assim, no que concerne ao uso da língua, mediante o que foi exposto na citação acima, compreende os diferentes níveis da língua por determinado

conjunto de falantes que partilham dos mesmos traços linguísticos em seu dia-a-dia em sua comunicação. Também é necessário deixar uma distinção clara entre norma culta e norma padrão através de Faraco:

Por *norma culta* designa-se tecnicamente o conjunto das características linguísticas do grupo de falantes que se consideram cultos (ou seja, a “norma normal” desse grupo social específico). Na sociedade brasileira, esse grupo é tipicamente urbano, tem elevado nível de escolaridade e faz amplo uso dos bens da cultura escrita. A chamada norma culta é uma “norma normal”, porque é uma das tantas normas presentes na dinâmica corrente, viva, do funcionamento social da língua.

*Norma-padrão*, por sua vez, é a expressão que designa a “norma normativa”, isto é, o conjunto de preceitos estipulados no esforço homogeneizador do uso em determinados contextos. Nesse sentido, a norma-padrão é um modelo idealizado construído para fins específicos; não é, portanto, uma das tantas normas presentes no fluxo espontâneo do funcionamento social da língua, mas um construto que busca controlá-lo. (Faraco e Zilles, 2017, p. 19).

De acordo com os conceitos atribuídos pelo autor acima, entende-se que o tipo de norma a ser tratada no presente texto é a culta, aquela considerada mais “correta” no contexto da sociedade brasileira em sua língua oficial e ao enfatizar que faz amplo uso dos bens da escrita, não há como omitir a escola, instituição onde quase todos os cidadãos brasileiros aprendem a ler e a escrever e é esta instituição, seja pública ou particular que mais replica o uso desse tipo de norma, conforme é observado em estudos variacionistas das últimas décadas, no contexto escolar brasileiro em ambos os tipos de escola (Mariano, 2013, 2019; Silva, 2017; 2022).

Considera-se assim, que a reflexão sobre a referida temática é relevante por possibilitar um melhor refinamento para as práticas pedagógicas de ensino de língua portuguesa no Brasil, ao tratar sobre norma culta, tanto para a modalidade falada quanto para a escrita.

Sendo assim, inicia-se o presente capítulo com aspectos introdutórios e conceituais sobre o tema refletido. Na próxima seção, será apresentado o principal objetivo do trabalho, em seguida, trazem-se questões metodológicas sobre como foi realizada a pesquisa para a constituição do corrente texto e na sequência serão apresentados resultados e discussões a respeito do conteúdo aqui abordado.

## OBJETIVO

A partir dos pressupostos desenvolvidos na introdução, o presente trabalho tem por objetivo desenvolver uma reflexão sobre a maneira como a escola brasileira aplica o ensino

da norma culta no ensino de língua portuguesa.

## **METODOLOGIA**

Para a elaboração desta investigação, parte-se de uma metodologia de abordagem qualitativa, uma vez que tal abordagem “trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos” (Paulilo, 1999, p. 135). Desse modo, a abordagem qualitativa é utilizada em trabalhos que buscam compreender fenômenos caracterizados por um grau de complexidade interna.

Considera-se que os estudos relacionados à linguagem humana e aos seus usos pelos falantes na escola e na sociedade, de modo geral, são complexos e passíveis de um olhar investigativo subjetivo, a abordagem qualitativa é a que melhor embasa a pesquisa.

E, como – para atingir o objetivo traçado pelo trabalho – busca-se fundamentar teoricamente, fornecendo referências bibliográficas diversas que buscassem sustentar as argumentações apresentadas, optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica.

Essa pesquisa se constitui em uma metodologia eficaz e apropriada para fundamentar os estudos científicos de modo geral, uma vez que os pesquisadores procuram realizar um levantamento de dados acerca do tema investigado, com base em diversos fundamentos teóricos já realizados.

Parte-se de um rigor metodológico para se traçar novas investigações e formulações de ideias. Sendo assim, a presente pesquisa procurou fazer o levantamento de bibliografias que dessem sustentação para a reflexão sobre a maneira como a escola brasileira aplica o ensino da norma culta ao ensino de língua portuguesa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para o presente trabalho, considera-se enquanto resultados o produto da abordagem realizada e a compreensão geral do que foi tecido ao decorrer do estudo. Dessa forma, através dos conceitos apresentados pelas lentes de Faraco acerca de norma, ficou evidente que a norma selecionada a ser tratada no presente texto deve ser a culta, especificamente no contexto escolar da educação básica.

A respeito do ensino de língua portuguesa no Brasil, Faraco (2008) faz as seguintes considerações: “Como bem sabemos, a prática pedagógica tradicional sempre colocou o ensino de gramática no centro do ensino de português. No fundo, ensinar gramática e ensinar português foram sempre, na concepção tradicional, expressões sinônimas”. (Faraco, 2008, p. 22)

Mediante a citação acima, vê-se que há praticamente uma conjunção entre o ensino de português e a abordagem da gramática normativa, o que implica dizer que a norma culta impregnada nas salas de aula, consistiria em replicar regras, sem refletir a respeito desses usos e nem observar o comportamento linguístico dos falantes nos diferentes contextos.

Esse ensino denominado “tradicional” constitui-se em uma bifurcação entre “certo” e “errado”, desconsiderando as diferentes variedades linguísticas existentes na língua oficial brasileira.

É necessário salientar que nesse ensino tradicional do português brasileiro, o livro didático é o principal instrumento utilizado em sala de aula, o qual trata sobre variação linguística associando-a de maneira recorrente a aspectos regionais, tratando a fala rural sob um prisma estereotipado, esquivando os diferentes tipos de variação, como a diastrática e a diamésica.

Corroborando com as palavras de Faraco na última citação deste texto, Zilles traz importantes palavras junto ao referido autor no capítulo *Norma culta brasileira: construção e ensino*, o qual compõe o livro *Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino* (2015):

Mesmo no interior do sistema escolar, avançamos muito pouco. Nas práticas escolares cotidianas, ainda predomina uma concepção mais tradicional da variação linguística e se lança mão ainda da régua estreita do certo e do errado tomados como valores absolutos e não como valores relativos. (Faraco e Zilles, 2015, p. 20)

Os autores supracitados destacam a bifurcação tratada anteriormente no presente texto e permitem ver a relação com a prática pedagógica tradicional. No mesmo capítulo, tecem as seguintes considerações sobre a superficialidade da prática pedagógica tradicional no ensino do português:

A tradição escolar costuma se iludir (e iludir os aprendizes) com a ideia de que a mera correção desse ou daquele fenômeno de regência, de colocação, de concordância, de “mistura” pronominal é suficiente para garantir aos alunos o acesso à expressão culta e a seu domínio. (Faraco e Zilles, 2015, p. 27)

Essa tradição implica em conservar e reproduzir a prática de exercícios mecânicos, que em alguns momentos fazem uso de um fragmento de texto de forma superficial, apenas para extrair um exemplo, desprovidos de uma reflexão sobre a correlação entre língua, sociedade e cultura.

A respeito dos exercícios e da prática pedagógica tradicional, Callou (2019) apresenta comentários de intervenção a respeito, com o intuito de transformar esse ensino mecânico e distante da realidade linguística/social do aluno da educação básica:

[...] O ensino de língua deveria centrar-se menos em exercícios gramaticais, de ensino de metalinguagem e mais em possibilitar ao aluno o domínio das várias modalidades de uso e da modalidade culta da comunidade de que ele faz parte. A

primeira forma de “concretizar” este “usar melhor” é fazê-lo reconhecer a diversidade linguística, os usos linguísticos, para além da unidade, do ideal linguístico. (Callou, 2019, p. 28)

A citação acima permeia com mais densidade, aspectos da prática pedagógica tradicional do ensino de português no Brasil, sugerindo a conscientização acerca da diversidade linguística presente no território nacional, exibindo a inércia da replicação metalinguística tão presente nessa forma de ensino, utilizada por profissionais que não têm consciência da íntima relação entre conhecimento científico da língua e a necessidade de atualização constante do ensino aplicado a esta.

Ora, se a língua transforma-se constantemente, acompanhando também a evolução cultural da sociedade, assim também deve ser o ensino dessa língua, a qual está envolta em tais aspectos de evolução, considerando também que a humanidade não é estática no tempo em seus diferentes espaços.

Outro importante nome citado no início do presente texto é o de Bortoni-Ricardo (2005), e, para ter uma coerência entre o que foi comentado a respeito dessa autora e também para enriquecer o conteúdo do referido texto, trazem-se as seguintes palavras dessa estudiosa a respeito do ensino de português na escola brasileira:

No Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteadada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva. Para alguns estudiosos, há mesmo uma incompatibilidade entre uma democracia pluralista e a padronização linguística. (Bortoni Ricardo, 2005, p. 14).

Mediante as considerações supracitadas da referida estudiosa, pode-se conceber que essa norma culta tão difundida no ambiente escolar, principalmente na modalidade escrita, trata-se de uma imposição da elite brasileira, a qual é detentora de um poder aquisitivo e de um prestígio, o qual se estende também sobre o uso da língua, de maneira que os seus usos linguísticos passam a modelar o que seria ideal e correto (Bortoni-Ricardo, 2014; 2025).

Diante dessa realidade, o professor é um dos principais agentes na transformação de práticas pedagógicas no ensino da língua, mas ao mesmo tempo não é o único responsável. Pode-se dizer, assim, que a inovação do ensino de língua portuguesa no Brasil e um maior aprofundamento sobre o estudo da língua sob um prisma mais científico é responsabilidade de todo um conjunto de agentes, tanto do Governo quanto dos diferentes componentes do sistema educacional brasileiro.

Para que essa transformação aconteça e para que a reflexão sobre o ensino seja constante, são necessárias constantes produções científico-acadêmicas que tomem essa

discussão em forma de voz que, clame por um ensino mais consciente da língua em sua diversidade e heterogeneidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou refletir sobre conceitos de norma e sua implicação e relação com o ensino de língua portuguesa no contexto brasileiro nos diferentes tipos de escolas.

Ao decorrer do texto, foram pontuadas as dificuldades existentes nesse ensino da língua oficial, mas ao mesmo tempo realizando pontuações a possíveis aprimoramentos desse ensino ao considerar que a sociedade humana evolui e, também, assim deve ocorrer com o ensino da língua utilizada.

Mediante tudo o que foi tratado neste capítulo de livro, concebe-se que é preciso despertar a consciência dos alunos da educação básica para a existência da variação linguística não apenas em seu aspecto geográfico, mas nas diferentes situações sociais. Como também, despertar o entendimento de que essa língua sofre transformações oriundas de aspectos culturais e históricos na vida de qualquer povo.

## REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**. Parábola Ed., 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SILVA, Kleber Aparecido da. Sociolinguística educacional: uma entrevista com Stella Maris Bortoni-Ricardo. **Linguagem em (Dis) curso**, Tubarão-SC, v. 22, n. 1, p. 219-231, 2022.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas; MACHADO, Veruska Ribeiro de; SOUSA, Rosineide Magalhães de. **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Sociolinguística Educacional**. São Paulo: Contexto, 2025.
- CALLOU, Dinah. Gramática, variação e normas. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia Rodrigues. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2019, ps. 13-29.
- FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. FARACO, C. A. Norma culta brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Pedagogia da Variação**

**Linguística:** língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 19-30.

MARIANO, Mara Pereira. O Fenômeno da Concordância Nominal em Redações Escolares. 2013. **Dissertação** (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MARIANO, Mara Pereira. Análise da Concordância Nominal na Escrita de Aprendizagens do Ensino Fundamental II: Avaliação Subjetiva e Reflexões sobre o Ensino. **Tese** (Doutorado em Linguística)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PAULILO, Maria Auxiliadora Schmidt. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**. Londrina, v.2, n. 2, p. 135-148, jul/dez.1999.

SILVA, Cícero Kleandro Bezerra da. Variação da concordância nominal em produção oral e escrita de alunos do Ensino Fundamental e Médio de Belo Jardim-PE: assimetria entre fala e escrita? 2017. **Dissertação** (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SILVA, Cícero Kleandro Bezerra da. O fenômeno variável da concordância nominal de número em produções escritas e orais de alunos pernambucanos e portugueses. 2022. **Tese** (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco.